

**XI Congresso Internacional
das Licenciaturas**

**INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: INTERVENÇÃO EDUCATIVA
NO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ, CAMPUS VALENÇA**

**INFECCIONES DE TRANSMISIÓN SEXUAL: INTERVENCIÓN EDUCATIVA EN
EL INSTITUTO FEDERAL DE PIAUÍ, CAMPUS VALENÇA**

**SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS: EDUCATIONAL INTERVENTION AT
THE FEDERAL INSTITUTE OF PIAUÍ, VALENÇA CAMPUS**

Apresentação: Comunicação Oral

Autor Principal Gisleine Carvalho Costa¹; Rosane Carvalho Leite²

DOI: <https://doi.org/10.31692/2526-7701.XICOINTERPDVL.0450>

RESUMO

O trabalho tem como principal objetivo analisar a percepção e o conhecimento de adolescentes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), com o intuito de identificar fatores de risco e lacunas informacionais que influenciam o comportamento sexual dos jovens. Entre as fontes utilizadas ao longo do trabalho, destacam-se Costa (2018), Dantas (2023), Magrin (2022), Silva e Sousa (2021) e outros. A inclusão de estratégias pedagógicas lúdicas é essencial para engajar os adolescentes e promover um aprendizado significativo sobre as ISTs. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal Piauí, campus Valença, envolvendo 32 alunos do primeiro ano do ensino médio. A metodologia incluiu um questionário aplicado depois de uma intervenção educativa, baseada em vídeos informativos e quizzes interativos. Os resultados indicam que, antes da intervenção, a maioria dos alunos tinha conhecimento superficial sobre ISTs, com destaque apenas para a AIDS, e muitos desconheciam outras doenças sexualmente transmissíveis como sífilis e gonorreia. Além disso, existia uma confusão generalizada sobre as formas de transmissão, com muitos alunos acreditando que o uso compartilhado de talheres e copos poderia transmitir essas infecções. Após a intervenção educativa, os alunos demonstraram uma melhoria significativa no entendimento sobre as diferentes ISTs e as formas corretas de prevenção. Houve um aumento no reconhecimento da importância do uso de preservativos e uma maior conscientização sobre o risco de transmissão das ISTs, mesmo quando não há sintomas aparentes. Além disso, a intervenção evidenciou que o uso de metodologias ativas, como quizzes e vídeos, foi eficaz para engajar os alunos e promover a aprendizagem.

Palavras-Chave: Prevenção, Educação em saúde, Adolescentes, Comportamento sexual, Metodologias ativas.

RESUMEN

El trabajo tiene como principal objetivo analizar la percepción y el conocimiento de los adolescentes sobre las Infecciones de Transmisión Sexual (ITS), con el fin de identificar factores de riesgo y brechas informativas que influyen en el comportamiento sexual de los jóvenes. Entre las fuentes utilizadas a lo largo del trabajo, se destacan Costa (2018), Dantas (2023), Magrin (2022), Silva y Sousa (2021) y otros. La inclusión de estrategias pedagógicas lúdicas es esencial para involucrar a los adolescentes y promover un aprendizaje significativo sobre las ITS. La investigación se realizó en el Instituto Federal Piauí, campus Valença, con la participación de 32 estudiantes de primer año de secundaria. La metodología

¹ Ciências Biológicas, Instituto Federal do Piauí, gisleinecarv89@gmail.com

² Professora do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Piauí, campus Valença. E-mail: rosane.leite@ifpi.edu.br

incluyó un cuestionario aplicado después de una intervención educativa, basada en videos informativos y cuestionarios interactivos. Los resultados indican que, antes de la intervención, la mayoría de los estudiantes tenía un conocimiento superficial sobre las ITS, destacando solo el VIH/SIDA, y muchos desconocían otras enfermedades de transmisión sexual como sífilis y gonorrea. Además, existía una confusión generalizada sobre las formas de transmisión, con muchos estudiantes creyendo que el uso compartido de utensilios y vasos podría transmitir estas infecciones. Después de la intervención educativa, los estudiantes demostraron una mejora significativa en la comprensión sobre las diferentes ITS y las formas correctas de prevención. Hubo un aumento en el reconocimiento de la importancia del uso de preservativos y una mayor conciencia sobre el riesgo de transmisión de las ITS, incluso cuando no hay síntomas aparentes. Además, la intervención evidenció que el uso de metodologías activas, como cuestionarios y videos, fue eficaz para involucrar a los estudiantes y promover el aprendizaje.

Palabras-Clave: Prevención, Educación en salud, Adolescentes, Comportamiento sexual, Metodologías activas.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze adolescents' perception and knowledge about Sexually Transmitted Infections (STIs), to identify risk factors and informational gaps that influence young people's sexual behavior. Among the sources used throughout the study, Costa (2018), Dantas (2023), Magrin (2022), Silva and Sousa (2021), and others stand out. The inclusion of playful pedagogical strategies is essential to engage adolescents and promote meaningful learning about STIs. The research was conducted at the Federal Institute of Piauí, Valença campus, involving 32 first-year high school students. The methodology included a questionnaire applied after an educational intervention based on informative videos and interactive quizzes. The results indicate that, before the intervention, most students had superficial knowledge about STIs, with emphasis only on AIDS, and many were unaware of other sexually transmitted diseases such as syphilis and gonorrhea. Additionally, there was widespread confusion about modes of transmission, with many students believing that sharing utensils and cups could transmit these infections. After the educational intervention, students showed a significant improvement in understanding the different STIs and the correct prevention methods. There was an increase in the recognition of the importance of condom use and greater awareness of the risk of STI transmission, even when no symptoms are apparent. Moreover, the intervention highlighted that the use of active methodologies, such as quizzes and videos, was effective in engaging students and promoting learning.

Keywords: Prevention, Health education, Adolescents, Sexual behavior, Active methodologies.

INTRODUÇÃO

A passagem da adolescência para a vida adulta envolve muitas mudanças, tanto emocionais quanto sociais, que levam à adoção de novas interações e comportamentos. Essas transformações criam condições específicas que expõem os adolescentes a diversas situações de vulnerabilidade. Segundo Costa *et al.* (2022), os conceitos de “vulnerabilidade” e “ser vulnerável” estão associados a uma maior suscetibilidade do indivíduo em relação a danos e agravos à saúde. As vulnerabilidades ligadas aos determinantes sociais de saúde podem, assim, comprometer a saúde dos adolescentes. Fatores como nível de escolaridade, cor/etnia, condições socioeconômicas, estrutura familiar, grupos sociais e questões de gênero influenciam significativamente o início precoce da vida sexual, tornando os jovens mais suscetíveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Dados da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) indicam que, entre 2009 e 2019, o Brasil registrou um aumento de 64,9% das ISTs entre adolescentes de 15 a 19 anos. Esse crescimento pode ser atribuído à sensação de segurança que essa parcela da população sente, especialmente porque não vivenciou as epidemias de HIV e AIDS da década de 1980, o que pode levar a uma subestimação das dimensões do problema. Complementarmente, a Coordenação de Infecções Sexualmente Transmissíveis da Secretaria de Estado do Piauí apontou que, em 2022, o estado registrou 533 casos de HIV/Aids. A análise dos dados do período de 2018 a 2022 revela que a faixa etária dos piauienses com mais novos casos da doença está entre 20 e 34 anos, correspondendo a 49% dos registros (SESAPI, 2022).

Dessa forma, o início precoce das relações sexuais, aliado à falta de informação acessada pelos adolescentes, os expõe a um longo período de atividade sexual e a um maior número de parceiros. De acordo com a SBU (2020), 41,67% dos jovens não conversam sobre sexo, e tanto a família quanto a escola apresentam uma escassez de informações. Essa realidade evidencia a necessidade de modernizar o diálogo com essa parcela da população, levando em consideração suas especificidades e contextos individuais.

Diante desse cenário, o presente trabalho visa observar as percepções dos alunos sobre as ISTs na adolescência e alertar a sociedade em geral, por meio de informações e ferramentas criadas pelo SUS, com o intuito de oferecer uma alternativa abrangente de conhecimento. Conforme a SBU (2020), há uma carência de diagnósticos e tratamentos adequados; frequentemente, apenas um dos parceiros é tratado, enquanto o outro não recebe a assistência necessária. Portanto, é imprescindível investir em educação sexual, que deve ser a base de todas as ações, informando a população sobre os riscos da relação sexual desprotegida e do excesso de parceiros.

Um dos principais fatores que contribuem para esse aumento das ISTs é o rápido desenvolvimento sexual dos adolescentes, em um contexto de falta de educação sexual nas escolas e de escassez de informações procuradas por eles. Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção e o conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública federal de Valença do Piauí sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), visando identificar fatores de risco e lacunas informacionais que possam influenciar seu comportamento sexual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Dantas *et al.* (2023) as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) são infecções que são transmitidas principalmente por meio de relações sexuais desprotegidas, podendo ser

causadas por vírus, bactérias ou fungos. Diferentemente de outras doenças, as ISTs podem ser assintomáticas, ou seja, uma pessoa pode estar infectada e não apresentar sintomas, o que dificulta o diagnóstico e a prevenção.

A principal diferença entre ISTs e outras doenças é a via de transmissão, enquanto muitas doenças podem ser transmitidas por contato não sexual (como resfriados ou gripe), as ISTs são especificamente adquiridas por meio do contato sexual. Além disso, as ISTs têm implicações significativas para a saúde reprodutiva e sexual, podendo levar a complicações graves, como infertilidade, câncer e aumento do risco de transmissão do HIV.

Com a mudança da nomenclatura, o termo "Infecções Sexualmente Transmissíveis" (ISTs) adotou-se em substituição a "Doenças Sexualmente Transmissíveis" (DSTs) para melhor refletir a realidade de que uma pessoa pode contrair e transmitir uma infecção sem apresentar sintomas. O Ministério da Saúde (2017) nos explica essa alteração:

O Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis passa a usar a nomenclatura "IST" (infecções sexualmente transmissíveis) no lugar de "DST" (doenças sexualmente transmissíveis). A nova denominação é uma das atualizações da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17. (Brasil, 2017, p. 17).

As informações sobre essas mudanças desempenham um papel crucial na redução dessas vulnerabilidades. Quando os adolescentes têm acesso a informações claras e científicas sobre prevenção, eles são mais propícios a tomarem decisões seguras em relação à sua saúde sexual. O autor Silva afirma que "Essa mudança enfatiza a necessidade de conscientização e educação sobre a prevenção e tratamento das ISTs, especialmente entre adolescentes, que são um grupo vulnerável" (Silva; Sousa, 2021, p. 9).

Considerando o entendimento a respeito da sexualidade, Brasil (2016), traz que enquanto processo transformador na vida de adolescentes, é necessário destacar que ele requer minuciosa atenção das entidades políticas, família e sociedade em geral, no sentido de promover ações de prevenção e instrução que permitam aos jovens discernirem sobre relações sexuais de modo consciente e racional, compreendendo seus limites e possibilidades.

Diante disso, reconhecemos os esforços de autoridades governamentais e da sociedade civil organizada na tentativa de ampliarmos o conhecimento e a utilização de tecnologias voltadas para o cuidado acerca da sexualidade da população (Brasil, 2016).

Nesse sentido, de acordo com Barbosa *et al.* (2019), o aconselhamento é reconhecido enquanto tecnologia leve, de prática indispensável para a redução da transmissão das ISTs, ao passo que proporciona uma relação direta e personalizada entre usuários e profissionais dos serviços de saúde, permitindo a aproximação e compartilhamento de saberes e ideias.

Destarte, a educação sexual engloba um conjunto de fatores direcionados à saúde como um todo, pois sua dinâmica considera-se as condições socioeconômicas (habitação, lazer, educação, dentre outras), nas quais os adolescentes se encontram, para assim, proponha-se uma abordagem que se adeque à realidade social de seu público-alvo. Desse modo, de acordo com Magrin *et al.* (2022, p.2) “torna-se essencial a intervenção da escola, tendo em vista a possibilidade de profissionalização, o que viabiliza o aprimoramento para práticas mais dialógicas e inclusivas para se conversar sobre sexualidade”.

Entendermos a sexualidade, em toda a sua integralidade, se configura numa ferramenta estratégica na prevenção de ISTs, ao passo que as informações são difundidas entre os próprios adolescentes. Empreende-se que as ações de cuidado estarão intrínsecas ao processo. Conhecermos os riscos é o primeiro passo para se buscar os meios de evitá-los e/ou contorná-los, para tal, se faz necessário dialogar sobre temas relacionados às infecções sexualmente transmissíveis principalmente com adolescentes, entendendo que é nessa fase da vida que ocorrem algumas das mudanças mais significativas para os sujeitos (Magrin *et al.*, 2022).

Entretanto, incluir a discussão sobre educação sexual nas escolas ainda é um desafio a ser superado, tendo em vista que os profissionais da educação não se sentem preparados para dialogar sobre o assunto, ou colocam seus tabus em primeiro plano, como frisam os trechos a seguir:

Embora tenha-se um contexto que incentive essas discussões e que professores possam reconhecer a necessidade de falar sobre sexualidade, muitos docentes ainda se sentem inseguros e hesitantes em abordar tal tema, por ocasionar algum tipo de desconforto, e devido à maior parte da formação deles não contemplar essa temática (Magrin *et al.* (2022, p. 2 apud Figueiró, 1996; Brol; Martelli, 2018).

Ainda de acordo com Magrin *et al.* (2022), expormos e discutirmos sobre o tema sexualidade no contexto da conjuntura brasileira, implica em lutarmos por espaço diante de um forte conservadorismo na sociedade. Segundo os autores, para que a implementação de questões sobre educação sexual pudesse enfrentar a ideologia conservadora foi necessário conquistar lugares na política. Destarte, promover a inclusão da temática nos ambientes de educação estaria respaldado por normativas legais, o que influencia na aceitação e execução ações voltadas para a educação sexual.

Contudo, cabe mencionar que a discussão sobre a inclusão das questões relacionadas à educação sexual no currículo escolar sempre foi uma discussão política. Atualmente, a BNCC (Brasil, 2017) torna-se referência na formulação do currículo escolar em âmbito nacional. Segundo o documento informa:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos

os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (Brasil, 2017, p. 5)

Em relação às questões de sexualidade, o processo de formulação da BNCC explicitou a polêmica na qual esses temas acabaram sendo envolvidos. Conforme Silva e Sousa (2021), versões anteriores à homologada em 2017 continham menções às temáticas ligadas à sexualidade, mas que foram suprimidas na versão oficial voltada às etapas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Logo, a intervenção educativa com adolescentes deve considerar as especificidades do desenvolvimento cognitivo, social e emocional dessa faixa etária. Durante a adolescência, os jovens passam por transformações significativas que influenciam sua forma de pensar, interagir e sentir. Para Silva e Sousa (2021), abordar essas especificidades, é fundamental utilizar estratégias pedagógicas que incluam atividades lúdicas e dinâmicas. Jogos educativos, por exemplo, são uma excelente forma de engajar os adolescentes, tornando o aprendizado mais divertido e interativo.

A intervenção educativa com adolescentes deve ser holística, considerando suas necessidades cognitivas, sociais e emocionais. Ainda citando Silva e Sousa (2021), a utilização de estratégias lúdicas, uma comunicação clara e a participação ativa dos pais e da comunidade escolar são essenciais para promover um aprendizado significativo e eficaz. Essa abordagem não apenas facilita a assimilação de conteúdo, mas também contribui para o desenvolvimento integral dos jovens, preparando-os para enfrentar os desafios da vida.

Contudo, para Silva e Sousa (2021), existem muitas dificuldades em ensinar a respeito do tema ISTs, pois a temática ainda é tratada como tabu no ambiente escolar e até mesmo no âmbito familiar, pois os adolescentes pouco têm um diálogo com a família a respeito desse assunto. Diante disso, Silva e Sousa (2021), traz que as atividades práticas são alternativas que podem auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem do tema, proporcionando uma maior assimilação do assunto abordado nas aulas teóricas.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso de cunho quali-quantitativo. Segundo Ventura (2007), o estudo de caso, enquanto modalidade de pesquisa, é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos

individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar, para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.

O estudo desenvolveu-se com 32 alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Médio do Instituto Federal do Piauí, Campus Valença, localizado na Avenida Joaquim Manuel, fundado em 2015. Atualmente, a instituição possui uma equipe pedagógica composta por 47 professores, 28 servidores e 808 alunos durante o ano letivo de 2024. A escola está situada em Valença, município do Piauí, que apresenta uma densidade demográfica de 16,70 hab./km² (IBGE, 2022) e está localizada no Vale do Sambito. A população local, de acordo com o último censo (IBGE, 2022), é de 22.279 pessoas.

O desenvolvimento do estudo consistiu em três fases distintas, porém complementares. A primeira fase tratou da preparação dos materiais para o seu desenvolvimento, como a elaboração do questionário pós-intervenção sobre ISTs, a produção do material para intervenção, vídeos educativos e o quiz de mitos e verdades. Na segunda etapa, realizou-se a apresentação da pesquisa aos alunos e a solicitação do preenchimento e assinatura, pelos responsáveis, do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação e a publicação dos resultados extraídos a partir da participação deles.

A intervenção começou com uma discussão dialogada e educativa com os participantes. Nesta fase, houve uma breve introdução sobre o que são ISTs. Para finalizar a intervenção e envolver ainda mais o grupo, a turma dividiu-se em duas equipes, com a realização de um quiz de “Mitos e Verdades” sobre as ISTs, utilizando um jogo interativo.

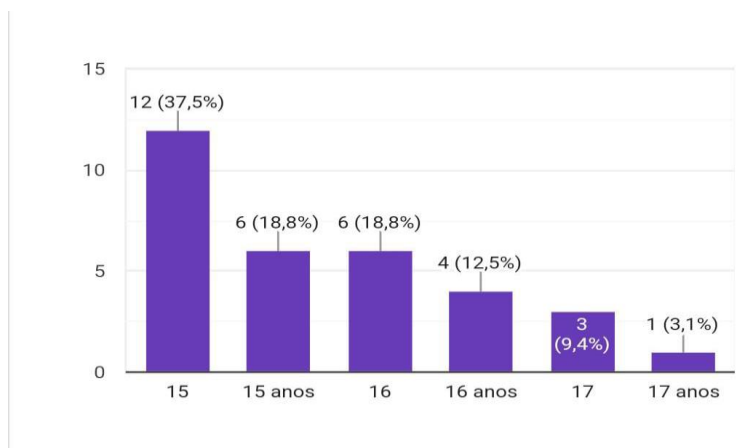
Após a intervenção, os adolescentes responderam a um questionário com questões objetivas que serviram de base para a discussão dos resultados da pesquisa, de forma quali-quantitativa. Os resultados alcançados pós-intervenção estão descritos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a intervenção educativa com os alunos de uma turma de 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública da Rede Federal de ensino com a utilização de vídeos educativos e o quiz de mitos e verdades, conseguimos aplicar um questionário com os alunos que descrevemos a seguir com as novas percepções, pós-intervenção educativa, dos discentes sobre o tema da nossa pesquisa.

Inicialmente buscamos traçar o perfil de idade e sexo dos adolescentes participantes da pesquisa, no sentido de situar a faixa etária e gênero, no sentido de relacionar nossa temática de estudo com os perfis traçados nos gráficos 1 e 2, respectivamente descritas abaixo:

Gráfico 1 – Faixa Etária dos/as Estudantes

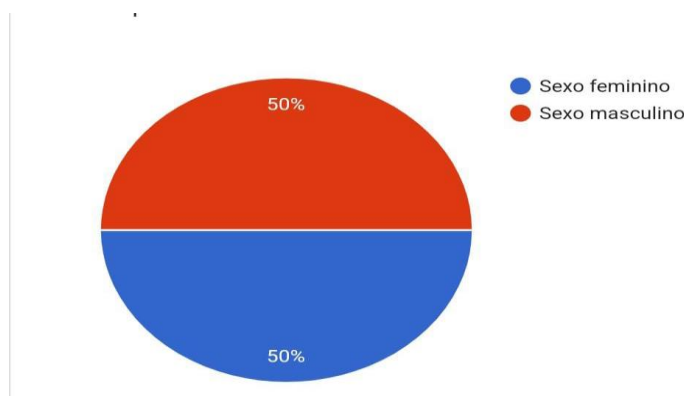


Fonte: Própria (2024)

A partir da análise do gráfico 1, constatou-se que 56,3% dos alunos possuem 15 anos, que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a faixa etária ideal para 1º do Ensino Médio. 31,3% 16 anos e 12,5% 17 anos, provavelmente podem ter passado por algum tipo de retenção, atraso escolar ou ingressado tardiamente na escola, o que faz com que estejam acima da idade esperada para essa etapa de ensino.

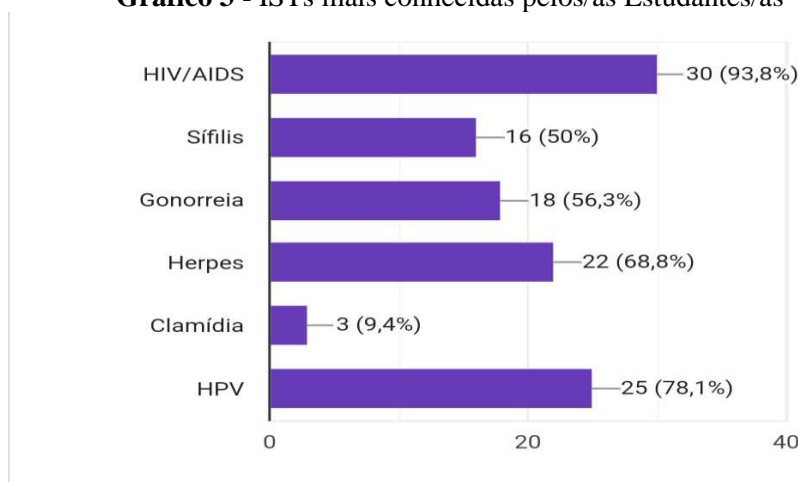
No gráfico 2 analisou-se que 50% dos alunos se identificam com o sexo masculino, 50% com o sexo feminino.

Gráfico 2 - Gênero dos/as Estudantes



Fonte: Própria (2024)

Os resultados do questionário após a intervenção educativa indicaram que os alunos ampliaram ainda mais seu entendimento sobre o tema proposto. No próximo gráfico, número 3, verificamos o conhecimento dos alunos sobre as ISTs, como observamos abaixo:

Gráfico 3 - ISTs mais conhecidas pelos/as Estudantes/as

Fonte: Própria (2024)

Ao serem questionados sobre as ISTs que conheciam, notou-se um aumento significativo nas respostas, visto que, inicialmente no momento da intervenção, a maioria mencionava apenas a AIDS. Assim como no estudo de Barreto *et al.* (2016) no qual verificou por meio do seu estudo a ausência ou o conhecimento insuficiente em relação às ISTs, sua forma de transmissão, prevenção, sintomas e consequências das doenças por gestantes com idade entre 14 e 19 anos.

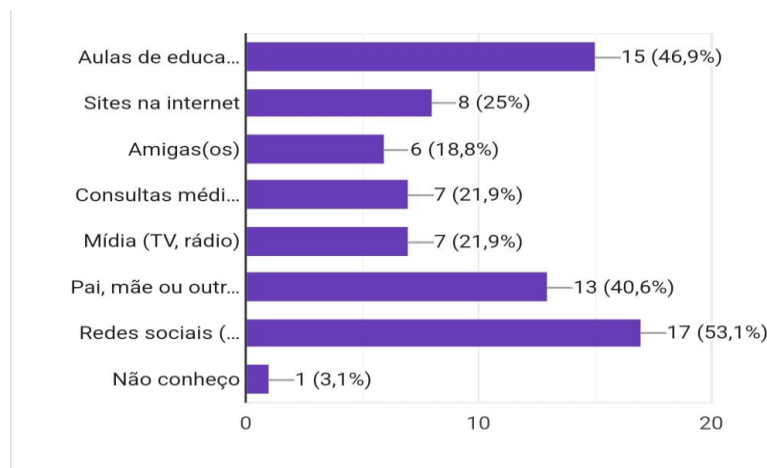
Após a intervenção, 93,8% dos alunos afirmaram conhecer a AIDS, 50% citaram a sífilis, 56,3% mencionaram a gonorreia, 68,8% reconheceram o herpes e 78,1% estavam familiarizados com o HPV.

Esse cenário revela a necessidade de ações educativas mais abrangentes e diversificadas. Embora a AIDS seja uma das ISTs mais conhecidas devido à sua gravidade e à longa história de campanhas de prevenção, outras infecções também apresentam riscos significativos à saúde pública. Tal fato demonstra que uma porcentagem significativa dos jovens está vulnerável a ISTs devido à ausência de conhecimentos a respeito das demais ISTs. Assim como no estudo de Barreto *et al.* (2016) “no qual verificou por meio do seu estudo a ausência ou o conhecimento insuficiente em relação às ISTs, sua forma de transmissão, prevenção, sintomas e consequências das doenças por gestantes com idade entre 14 e 19 anos”.

Quando questionados sobre as fontes utilizadas pelos estudantes para buscar informações de questões relacionadas à ISTs, a maioria 46,9% afirmaram usar aulas de educação sexual, O fato de que quase metade dos estudantes afirmar buscar informações nas aulas, mesmo ainda não tendo tantas aulas focada em educação sexual, destaca a importância da escola como uma fonte primária de conhecimento sobre ISTs. Seguido por 25% que afirma usar sites na internet, isso reflete o papel crescente da tecnologia na educação e na busca por

conhecimento, porém, é fundamental garantir que os estudantes tenham acesso a informações confiáveis, já que a internet também pode propagar mitos sobre o tema.

Gráfico 4 – Fontes de obtenção de informações sobre ISTs.



Fonte: Própria (2024)

Segundo Silva e Sousa (2021), “a internet é muito procurada na busca de orientações sobre ISTs por se tratar de um interlocutor sigiloso”. 18,8% têm principal informação conversas e entre amigos, essas informações através de conversas com amigos podem ser tanto positivas quanto preocupante. Embora os diálogos possam ajudar a aumentar a conscientização, há o risco da disseminação de informações não baseado em fontes científicas ou confiáveis. 21,9% usam consultas médicas, isso mostra que parte dos estudantes utiliza um canal confiável.

No entanto, o número um pouco baixo sugere que o acesso a esse tipo de orientação pode ser limitado. 21,9% acessam mídias como rádio e televisão, essas mídias por serem a de mais fácil acesso para toda população desempenham um papel importante, especialmente em campanhas de saúde pública, para (Piscalho; Leal, 2000) isso acontece “por ser um espaço democrático, os jovens têm facilidade em obter informações” 40,6% buscam informações com diálogos entre familiares, o que representa um número considerável de estudantes.

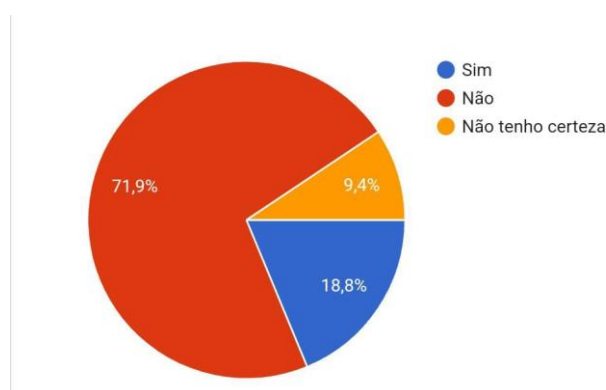
Consideramos positivo o diálogo em casa sobre questões de sexualidade, entretanto, o conteúdo dessas discussões pode ser influenciado por tabus, o que também pode ser uma barreira para compreensão do tema. “À educação sexual seja prioritariamente uma competência da família, já que é ela a peça-chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos”, Silva e Sousa (2021).

Observamos que 53,1% afirmaram que tem as redes sociais, por ser a fonte de informação de maior acesso dos jovens, contudo a vários riscos na obtenção dessas informações pelas redes, com as redes sociais a uma grande disseminação de fake News, o que aumenta a chance de informações não confiáveis, “com a criação de ferramentas de publicação pessoal,

podem ser publicadas informações úteis e diretas, mas também informações desconexas e sem revisão apropriada para publicação”(Merhy *et al*, 2014).

No que diz respeito quando discutido sobre a transmissão, os adolescentes trazem ideias pouco precisas quando o assunto é o conhecimento sobre as formas de transmissão das ISTs, isto é, eles não têm certezas acerca das vias de transmissão e, em alguns momentos, revelam dúvidas que mostram desconhecimento. As porcentagens mostram um cenário muito mais positivo. Isso sugere que a intervenção teve uma mudança significativa no conhecimento, nas atitudes e nos comportamentos relacionados à saúde sexual e à prevenção das ISTs dos adolescentes. Ainda questionamos estudantes acerca se uma pessoa pode contrair ISTs ao usar os mesmos talheres, pratos, e copos de alguém que tem IST, no gráfico 5:

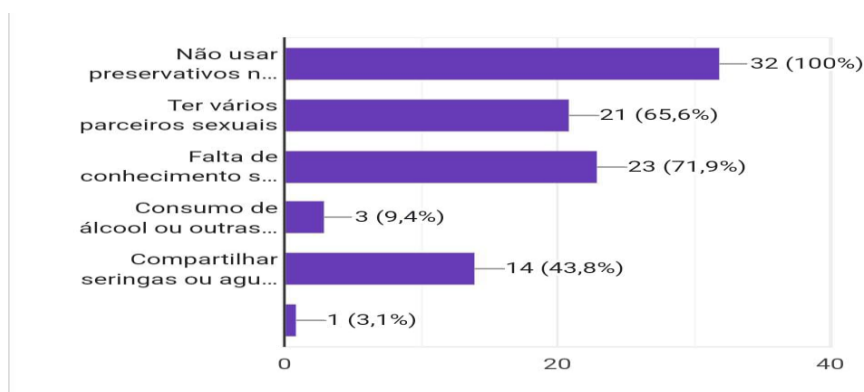
Gráfico 5 – Contrair de ISTs por meio de Objetos



Fonte: Própria (2024)

No entanto, essa questão, que haviam apresentado muitas dúvidas durante a intervenção, permaneceu com 18,8% de resposta sim e 9,4% ainda não tem certeza, mostrando, possivelmente, uma falta de compreensão dos alunos acerca do que foi apresentado na atividade. Para Silva e Sousa (2021) “pode-se perceber que existem muitas dificuldades em ensinar a respeito do tema ISTs, pois a temática ainda é tratada como tabu no ambiente escolar e até mesmo no âmbito familiar”.

Em relação à prevenção, os gráficos mostram um aumento positivo e significativo nas porcentagens. Isso demonstra que os alunos estão mais conscientes sobre as medidas preventivas, refletindo um impacto positivo da intervenção no entendimento sobre a importância da prevenção, constatado no gráfico 6:

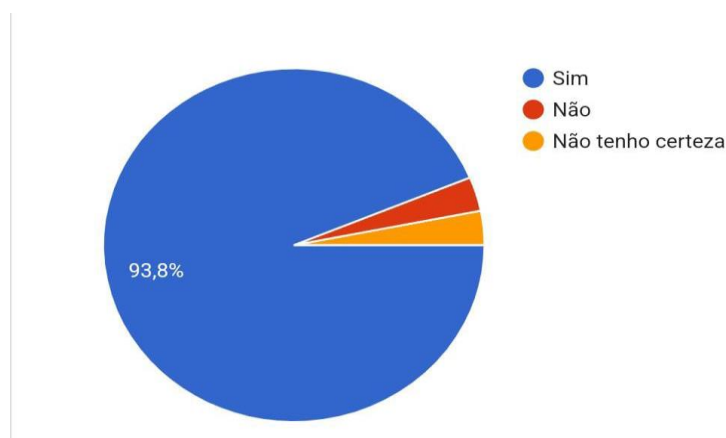
Gráfico 6 - Fatores que aumentam a chance de contrair ISTs.

Fonte: Própria (2024)

Em relação à prevenção, os gráficos mostram um aumento positivo e significativo nas porcentagens. Isso demonstra que os alunos estão mais conscientes sobre as medidas preventivas, refletindo um impacto positivo da intervenção no entendimento sobre a importância da prevenção.

Para Grandó (2000), “jogos são atividades recreativas que despertam interesses dos jogadores, a competição e os desafios inspiram os jogadores a entender seus limites e buscar a vitória, ganhando inclusive mais confiança”. O fato de mais alunos estarem adotando práticas seguras, como o uso regular de preservativos, demonstra que o nível de risco de transmissão de ISTs entre esse grupo diminuiu após a intervenção.

Isso é um indicativo de que programas educacionais eficazes podem ter um impacto real na redução das taxas de ISTs, especialmente entre jovens. Outro ponto que teve um impacto muito positivo foi a questão sobre a transmissão de ISTs da mãe para o filho durante a gravidez ou o parto, exposto abaixo no gráfico 7:

Gráfico 7 – Período da gravidez ou parto a transmissão de ISTs para a criança.

Fonte: Própria (2024)

No momento da intervenção, os alunos disseram não ter certeza, mas logo após a

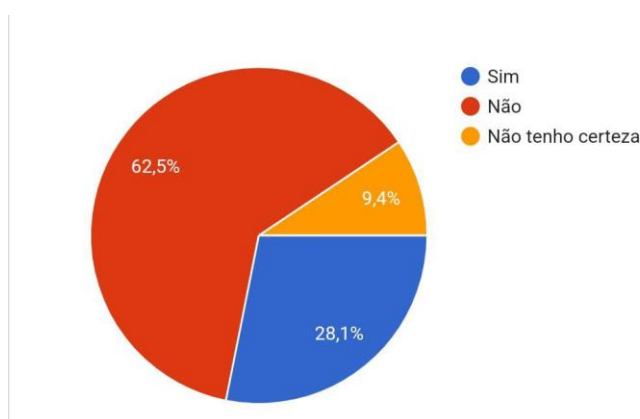
intervenção, 93,8% responderam corretamente que isso é possível. Esse aumento significativo reflete uma maior compreensão sobre os riscos de transmissão. É notável que o uso de jogos educativos é visualizado pelos jovens como algo divertido e sensibilizador, pois as informações dentro de um ambiente competitivo, possibilitam a aquisição do conhecimento e aprendizado dos adolescentes no que diz respeito à prevenção de ISTs. (Silva; Sousa., 2021).

Quando se trata ISTs durante a gravidez ou o parto, é importante entender que sim, algumas ISTs podem ser transmitidas da mãe para o bebê. No entanto, a taxa de transmissão e o impacto dependem do tipo de IST e do tratamento recebido. A falta de certeza que muitos têm é compreensível, pois o tema pode ser complexo e variar muito dependendo da situação. Jones *et al.* (2020) diz:

Durante a gravidez ou o parto, a mãe pode transmitir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) para a criança, um processo conhecido como transmissão vertical. Isso pode resultar em várias complicações para o recém-nascido, incluindo infecções congênitas que podem afetar o desenvolvimento e a saúde do bebê". (Jones *et al.*, 2020, p. 31)

No questionário, observou-se uma leve melhora no entendimento sobre a relação entre métodos contraceptivos, como a pílula ou DIU, e a prevenção de ISTs. Dos alunos, 62,5% responderam corretamente que esses métodos não previnem infecções sexualmente transmissíveis, como demonstra o gráfico 8:

Gráfico 8 – Uso de contraceptivos e prevenção de ISTs.

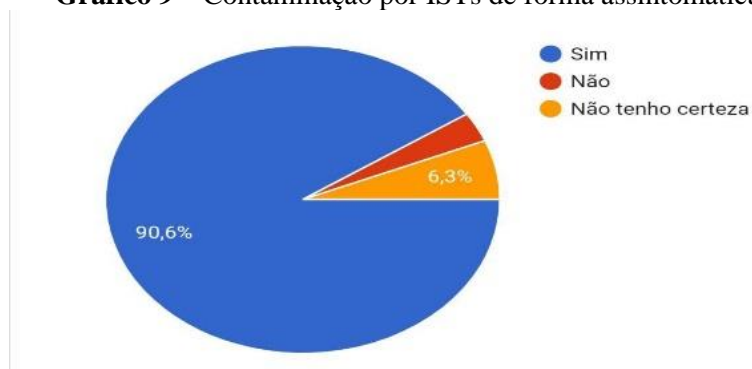


Fonte: Própria (2024)

No entanto, ainda há certa confusão, pois 28,1% acreditam que sim, e 9,4% afirmaram não ter certeza. Esses dados indicam a necessidade de reforçar a informação sobre a função específica desses métodos. Se, anteriormente, muitos alunos demonstraram incertezas ou conceitos equivocados sobre ISTs, após a intervenção houve um aumento no percentual de alunos que entendem que métodos contraceptivos como a pílula e o DIU não previnem ISTs, e que o uso de preservativos é essencial para evitar infecções.

Após as atividades realizadas, houve um excelente avanço no entendimento dos alunos sobre a possibilidade de ter uma IST sem apresentar sintomas. Isso é refletido no fato de que 90,6% responderam que é possível estar infectado sem sinais evidentes, demonstrando uma conscientização maior sobre o tema, como exposto no gráfico 9:

Gráfico 9 – Contaminação por ISTs de forma assintomática



Fonte: Própria (2024)

Para Sousa *et al.* (2021) “os jogos práticos facilitam o assunto que é abordado na teoria com prática e fazem com que o aluno desperte interesse e curiosidade sobre o assunto que está sendo proposto pelo educando em sala de aula”. Os dados mais positivos sugerem que as informações fornecidas foram assimiladas e que os alunos agora possuem uma compreensão mais sólida dos riscos e das práticas preventivas.

Essa falta de clareza pode levar a comportamentos de risco, uma vez que pessoas que não têm certeza sobre o caráter assintomático das ISTs podem não buscar exames regulares ou não usar preservativos, acreditando que estão seguras na ausência de sintomas. É importante entender que muitas ISTs podem estar presentes sem causar sintomas visíveis. Isso significa que alguém pode ter uma infecção e não saber, o que pode levar à transmissão para outras pessoas sem intenção. Para Ferreira *et al.* (2016):

Os fatores que expõem os adolescentes a situações de risco estão: a ineficiência das informações adquiridas; o começo precoce das atividades sexuais; intensa troca de parceiros; o grande número de pessoas assintomáticas; o desconhecimento de sinais e sintomas de infecção sexual; e a falta de adesão ao atendimento de saúde. (Ferreira *et al.*, 2016, p. 12).

A falta de sintomas é uma das razões pelas quais muitas ISTs continuam a se espalhar, mesmo em populações que consideram estar em baixo risco. A compreensão de que as ISTs podem ser assintomáticas é essencial para motivar o uso de preservativos e a realização de exames regulares, especialmente para aqueles com múltiplos parceiros sexuais.

Entre os estudantes entrevistados, uma parte significativa, 46,9%, relatou nunca ter tido relações sexuais. Para aqueles que são sexualmente ativos, os dados mostram que 18,8% afirmam sempre usar preservativos, demonstrando uma consciência sobre proteção. 16,6%

disseram usar preservativos na maioria das vezes, enquanto 9,4% raramente os utilizam, o que indica um risco maior, disposto a seguir no gráfico 10:

Gráfico 10 – A frequência de relações sexuais e o uso ou não de preservativos.



Fonte: Própria (2024)

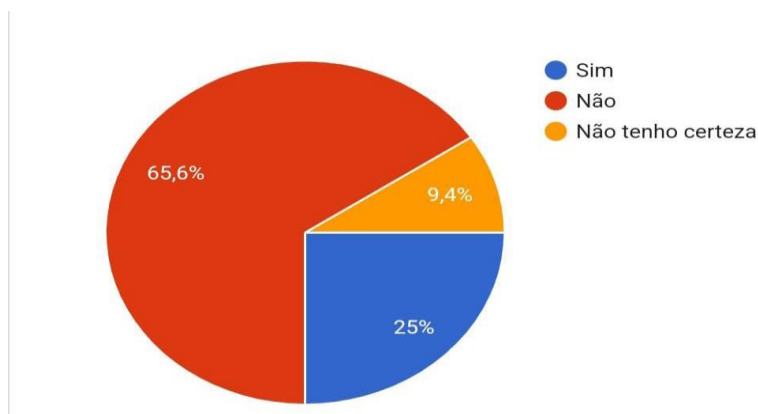
Além disso, 9,4% afirmaram nunca usar preservativos, o que pode ser motivo de preocupação, dada a importância da prevenção de ISTs, esses dados revelam um cenário preocupante em relação ao uso de preservativos e à adoção de comportamentos seguros por parte dos jovens sexualmente ativos. Embora uma pequena parcela sempre utilize preservativos, a maioria está em algum nível de risco, seja pela inconsistente ou total ausência de proteção durante as relações sexuais. De acordo com Dourado *et al.* (2015)

Adolescentes que iniciam as atividades sexuais entre 16 e 19 anos tendem a utilizar o preservativo. Desta forma, é evidente a necessidade de implementação e discussão para estratégias que tenham o objetivo de promover a negociação e conscientização do uso de preservativo na população jovem, sobretudo, abaixo dos 14 anos. (Dourado *et al.*, 2015, p. 11)

O fato de 46,9% dos entrevistados não serem sexualmente ativos significa que há uma janela de oportunidade para trabalhar a educação preventiva antes que esses jovens iniciem a vida sexual, garantindo que tenham o conhecimento necessário para tomar decisões seguras quando se tornarem sexualmente ativos.

Após a intervenção, observou-se uma mudança importante. Entre os estudantes, 65,6% continuaram acreditando que não estão em risco, o que ainda reflete uma percepção de segurança. No entanto, o número de alunos que não têm certeza continua um pouco alta 25%, o que pode indicar que, ao aprenderem mais sobre o tema, passaram a refletir mais profundamente sobre seus próprios comportamentos e a avaliar melhor os riscos. Outro dado importante está descrito no gráfico 11 sobre o risco real dos ISTs:

Gráfico 11 – Risco real de contaminação por ISTs.

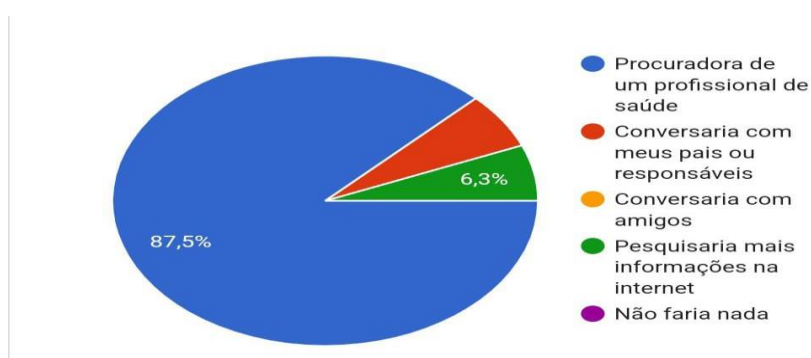


Fonte: Própria (2024)

Após a intervenção, observou-se mudanças importantes, que entre os estudantes, 65,6% continuaram acreditando que não estão em risco, o que ainda reflete uma percepção de segurança. No entanto, o número de alunos que não têm certeza continua um pouco alta 25%, o que pode indicar que, ao aprenderem mais sobre o tema, passaram a refletir mais profundamente sobre seus próprios comportamentos e a avaliar melhor os riscos. Por outro lado, 6,3% afirmaram que estão em risco, um número menor, mas ainda preocupante, pois mostra que uma pequena parcela tem consciência de sua vulnerabilidade.

Diante da possibilidade de estarem em risco de contrair ISTs, a maioria dos estudantes, 87,5%, afirmaram que procurariam um profissional de saúde, mostrando uma atitude responsável e voltada para o cuidado adequado. Apenas 6,3% dos alunos mencionaram ter seus pais como rede de apoio, um número baixo, como está disposto no gráfico 12:

Gráfico 12 – Atitude dos estudantes com a confirmação ISTs



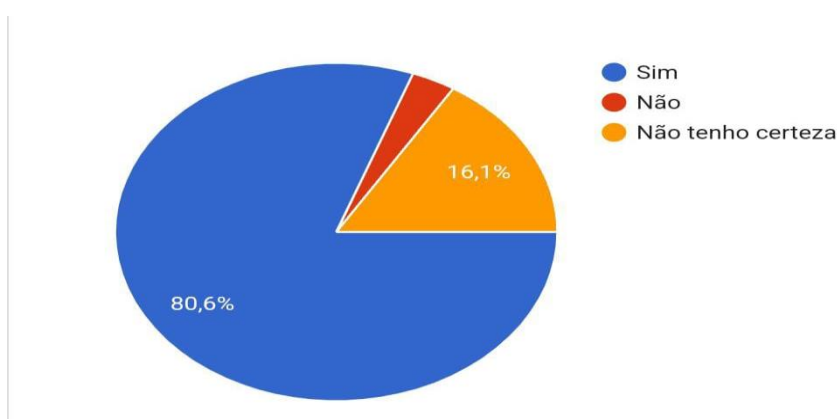
Fonte: Própria (2024)

Isso sugere a necessidade de fortalecer o diálogo familiar e buscar formas de envolver mais os pais na educação e apoio em temas relacionados à saúde e ISTs. Filho *et al.* (2022) diz que, “O nicho familiar, em sua maioria, ao invés de acolher e orientar, reprimem os jovens, gerando bloqueios e abismos nas relações”. E 6,3% afirmam buscar informações na Internet.

Após a intervenção, muitos estudantes agora possuem maior clareza sobre essas questões. Isso reflete a importância da intervenção em fornecer informações precisas e dissipar mitos ou equívocos.

A maioria dos alunos, 80,6%, expressaram interesse em participar de mais momentos de conversa, jogos e aprendizado sobre as ISTs, o que demonstra que o método utilizado teve um impacto significativo no processo de aprendizagem. Além disso, 16,1% ainda não têm certeza, o que indica que, com o tempo e a continuidade dessas atividades, mais alunos podem se engajar nesse formato educativo, logo abaixo no gráfico 13:

Gráfico 13 – Atividades escolares sobre ISTs.



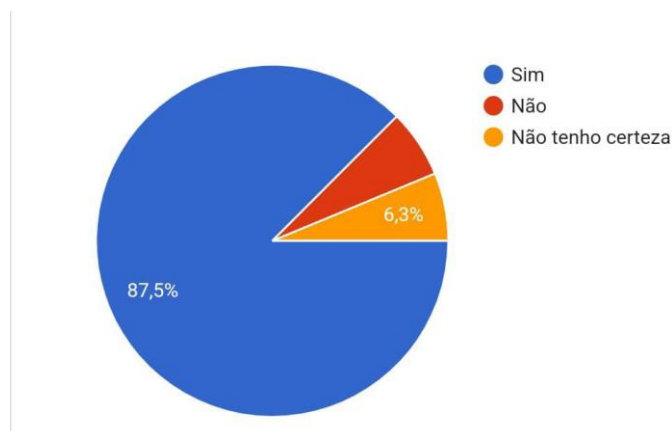
Fonte: Própria (2024)

A melhora nos índices de conhecimento e o fato dos estudantes terem achado a intervenção uma maneira positiva, quando bem implementada, pode transformar significativamente a forma como os jovens entendem e lidam com a saúde sexual. Os dados mais positivos sugerem que as informações fornecidas foram assimiladas e que os alunos agora possuem uma compreensão mais sólida dos riscos e das práticas preventivas. Sousa *et al.* (2021), acredita que:

As mudanças experimentadas pela sociedade sempre exigiram dos professores, que são diretamente responsáveis por mudar os métodos de ensino e desenvolvimento do aluno, que utilizem metodologias constantemente atualizadas e atrativas para os discentes. (Sousa *et al.*, 2021, p. 8).

Após participarem da intervenção sobre ISTs, 87,5% dos estudantes afirmaram que se sentem mais preparados para se proteger e conversar sobre o assunto. No entanto, 6,3% ainda não têm certeza e outros 6,3% disseram que não. Esses dados indicam que a maioria se sente mais confiante após a intervenção, observado nas respostas evidenciadas no gráfico 14:

Gráfico 14 – Intervenção sobre ISTs e sensibilização ISTs



Fonte: Própria (2024)

Diante disso, Silva e Sousa (2021) afirma que essa problemática é um desafio enfrentado pelos professores que devem, por meio de atividades diferenciadas como as aulas práticas, facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, “os jogos práticos facilitam o assunto que é abordado na teoria com prática e fazem com que o aluno desperte interesse e curiosidade sobre o assunto que está sendo proposto pelo educando em sala de aula”. (Silva; Sousa, 2021, p. 45)

CONCLUSÕES

Com base nas pesquisas, identificou-se que as principais fontes de informação sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) utilizadas pelos adolescentes são as aulas de educação sexual, seguidas por sites na internet e, em menor proporção, conversas com amigos e familiares. Contudo, essas fontes nem sempre são confiáveis ou adequadamente acessadas, o que destaca a importância da escola como uma referência na disseminação de informações sobre saúde sexual.

Diante desse cenário, espera-se que a integração entre educação e sexualidade se torne uma poderosa aliada no desenvolvimento social, contribuindo para a formação de uma juventude mais consciente, estruturada e saudável. Esse avanço se refletirá na diminuição das taxas de Infecções Sexualmente Transmissíveis, uma vez que a educação sexual atua como uma medida preventiva.

Além disso, observou-se que, embora muitos adolescentes tenham algum conhecimento sobre as ISTs, a maioria ainda não adota medidas preventivas, como o uso consistente de preservativos. A percepção de risco entre os jovens é muitas vezes distorcida, com uma parcela

significativa não se considerando vulnerável, mesmo ao adotar comportamentos de risco, como múltiplos parceiros sexuais ou a não utilização de métodos de proteção.

Por fim, conclui-se que a intervenção educacional implementada no estudo, utilizando vídeos e quiz de mitos e verdades, teve um impacto positivo na ampliação do conhecimento dos adolescentes sobre as ISTs. Isso ficou evidente pelo aumento significativo de respostas corretas no questionário pós-intervenção. Este resultado ressalta a importância de estratégias educativas interativas e acessíveis, que contribuam para a conscientização e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis entre os jovens, na fase da adolescência.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. U. *et al.* O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i2.a21625>. Acesso em: 28 mai. 2023

BARRETO, R. M. A. *et al.* IST na adolescência: percepção de gestantes à luz do círculo de cultura de Paulo Freire. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 116-125, 2016. Acesso em: 08 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças de condições crônicas e infecções sexualmente transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 08 dez. 2022. 18 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **HIV/Aids: Boletim Epidemiológico**. v. 5, n. 1, p. 3-55, 2016. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/boletimepidemiologico-de-aids-2016>. Acesso em: 28 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas: diretrizes para a implementação do projeto**. Brasília: Editora MS, 2006. Acesso em: 08 dez. 2022.

BROL, I. S.; MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuadas de professores da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, v. 25, n. 1, p. 274, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v25n1.36304. Acesso em: 28 mai. 2023

CONSELHO FEDERAL DE SAÚDE. Resolução n.º 510 de 07 de abril de 2016. Brasília, DF, 2016. Acesso em: 28 mai. 2023

DOURADO, I. *et al.* Revisitando o uso do preservativo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 63-88, 2015. Acesso em: 15 jul. 2023

COSTA, A. B. B. *et al.* Avaliação do conhecimento sobre o tema: sexualidade entre adolescentes de escolas públicas. **Latin American Journal of Development**, v. 4, n. 2, p. 420-432, 2022. DOI: 10.46814/lajdv4n2-020. Acesso em: 15 jun. 2024

DANTAS, J. C. R. *et al.* Equipe multidisciplinar no controle de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em adolescentes: revisão integrativa. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.16, n.9, p. 15752-15769, 2023 DOI: 10.55905/revconv.16n.9-118 Acesso em: 10. set. 2024

FERREIRA, J. P. *et al.* Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, Minas Gerais. **Adolescência & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 51-59, 2016. Acesso em: 10. set. 2024

FILHO, J. R. C. S. *et al.* Estudo qualitativo descritivo sobre infecções sexualmente transmissíveis como base para disseminação de informações: uma ação com alunos de ensino médio no estado de Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, e241111335529, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i13.35529>. Acesso em: 10. set. 2024

FIGUEIRÓ, M. N. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 98, p. 50-63, 1996. Acesso em: 10. set. 2024

GRANDO, R. C. **O conhecimento Matemático e o uso de jogos na sala de aula**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2000. Acesso em: 12. jul. 2024

MAGRIN, N. P. *et al.* O Impacto de Oficinas Sobre Sexualidade: um relato de experiência com estudantes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, 2022. Acesso em: 10. set. 2024

MERHY, E. E. *et al.* Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Revista Divulgação em saúde para debate**, v. 52, p. 153-164, 2014. Acesso em: 10. set. 2024

PISCALHO, I. *et al.* Representações sociais da educação sexual em adolescentes. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 3., 2000, Lisboa. **Anais [...]. Lisboa: ISPA**, 2000. p. 353-362. Acesso em: 10. set. 2024

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE (SESAPI). **Piauí registrou 533 casos novos de HIV/Aids em 2022**. Disponível em: <http://www.saude.pi.gov.br/noticias/2022-12-23/11558/piaui-registrou-533-casos-novos-de-hiv-aids-em-2022.html>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SILVA, M. S.; SOUSA, C. C. O uso de jogos didáticos para a prevenção de ISTs na adolescência. **Educação em Revista**. v. 22, 121-132. 2021. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22n2.p121> Acesso: Acesso em: 22 jun. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA (SBU). **Pesquisa da SBU revela que adultos minimizam ISTs por se acharem “fora de risco”**. Disponível em: <https://portaldaurologia.org.br/publico/release/pesquisa-da-sbu-revela-que-adultos-minimizam-ists-por-se-acharem-fora-de-risco/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

VENTURA, L. **Estudo de caso: fundamentos e métodos**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.